

"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC

MAGO

LIVRO DOIS
MESTRE

Raymond E. Feist





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SUMÁRIO

Livro 2 – Mestre: Milamber e Valheru	9
Capítulo 1 – Escravo	11
Capítulo 2 – Fazenda	31
Capítulo 3 – A Troca	65
Capítulo 4 – Treinamento	94
Capítulo 5 – Travessia	124
Capítulo 6 – Krondor	156
Capítulo 7 – Fuga	178
Capítulo 8 – O Grande	208
Capítulo 9 – Fusão	233
Capítulo 10 – Emissário	252
Capítulo 11 – Decisão	277
Capítulo 12 – Agitação	305
Capítulo 13 – Desilusões	328
Capítulo 14 – Traição	347
Capítulo 15 – Legado	373
Capítulo 16 – Renascimento	383

LIVRO 2 — MESTRE

MILAMBER E VALHERU

*Não passávamos, formosa Rainha,
De dois rapazes que julgavam nada mais haver
Para além de um amanhã igual a hoje,
E que para sempre rapazes seriam.*

— SHAKESPEARE, *O conto de inverno*.

Escravo

O escravo agonizante gritava, caído. O dia estava quente demais. Os outros escravos continuavam se dedicando às suas tarefas, ignorando o som da melhor maneira possível. A vida no acampamento valia pouco e não era bom remoer o destino que tantos aguardavam. O moribundo tinha sido mordido por uma relli, uma criatura do pântano semelhante a uma cobra. O seu veneno era lento e doloroso; sem magia, não havia cura.

De repente, fez-se silêncio. Pug levantou os olhos e viu um guarda tsurani limpando a espada. Sentiu uma mão no ombro. A voz de Laurie sussurrou ao seu ouvido:

— Parece que o nosso ilustre capataz ficou perturbado com a agonia de Toffston.

Pug amarrou com firmeza um pedaço de corda ao redor da cintura.

— Pelo menos, foi rápido. — Virou-se para o cantor alto e louro de Tyr-Sog, uma das cidades do Reino, e disse: — Fique atento. Esta é velha e pode estar podre. — Sem mais uma palavra, Pug subiu pelo tronco da ngaggi, uma árvore dos pântanos parecida com o abeto da qual os tsurani extraíam madeira e resina. Com a falta de metais, os tsurani se aperfeiçoaram em descobrir substitutos. A madeira daquela árvore podia ser trabalhada como papel, secando até ganhar uma dureza incrível, e servia para fazer centenas de objetos. A resina era usada para laminar madeiras e curtir peles de animais.

Com peles devidamente curtidas, criavam armaduras tão resistentes quanto as cotas de malha de Midkemia, e as armas em madeira laminada quase iguallavam o seu aço.

Quatro anos no acampamento do pântano tinham fortalecido o corpo de Pug. Os músculos delineados se retesaram quando subiu na árvore. Tinha a pele bronzeada pelo sol impiedoso do mundo natal dos tsurani e uma barba de escravo cobria-lhe o rosto.

Pug alcançou os primeiros grandes galhos e olhou o amigo lá embaixo. Laurie estava atolado até os joelhos na água turva, afastando, distraído, os insetos que os atormentavam enquanto trabalhavam. Pug gostava de Laurie. O trovador não devia estar ali, assim como não devia ter ido atrás de uma patrulha na esperança de ver soldados tsurani. Contara que procurava material para as baladas que iriam torná-lo famoso em todo o Reino. Vira mais do que esperava. A patrulha enfrentara uma grande ofensiva por parte dos tsurani e Laurie fora capturado. Chegara ao acampamento há mais de quatro meses e em pouco tempo se tornara amigo de Pug.

Pug continuou a subir, atento à presença dos perigosos habitantes das árvores de Kelewan. Alcançando o lugar mais adequado para um corte na copa, Pug parou ao perceber movimento. Relaxou ao perceber que era apenas um agulheiro, uma criatura cuja proteção era ser igual a um monte de agulhas de ngaggi. Fugiu da presença do humano e deu um salto curto até um galho da árvore próxima. Pug voltou a examinar os arredores e começou a amarrar as cordas. O seu trabalho era cortar as copas das enormes árvores, tornando a queda da planta menos perigosa para os que se encontravam no chão.

Fez vários cortes na casca até que sentiu a lâmina do machado de madeira cortar a polpa mais macia por baixo. Um leve odor acre saudou o seu farejar cuidadoso. Praguejando, gritou para Laurie:

— Esta está podre. Avise o capataz.

Aguardou, olhando por cima da copa das árvores. À sua volta voavam insetos estranhos e criaturas parecidas com pássaros. Nos quatro anos em que era escravo naquele mundo, não conseguira acostumar-se com o aspecto daquelas formas de vida. Não eram tão diferentes das existentes em Midkemia, mas eram as semelhanças, mais do que as diferenças, que o faziam recordar constantemente que ali não era a sua terra. As abelhas deveriam ter listras amarelas e pretas em vez da tonalidade vermelha viva que as cobria. As águias não deveriam ter faixas amarelas nas asas, nem os falcões, roxas. Aquelas criaturas não eram abelhas, águias nem falcões, ainda que as semelhanças fossem impressionantes. Pug achava mais fácil aceitar as criaturas estranhas

de Kelewan do que aquelas. Pug acabara se habituando aos needra de seis pernas, bestas de carga domesticadas semelhantes a um bovino com duas pernas adicionais e atarracadas, e aos cho-ja, criaturas parecidas com insetos que serviam os tsurani e falavam sua língua. Porém, sempre que vislumbrava uma criatura pelo canto do olho e se virava, esperando que fosse de Midkemia, e via que não era, o desespero atacava.

A voz de Laurie despertou-o de sua divagação:

— O capataz está vindo.

Pug praguejou. Caso o capataz tivesse de se sujar na água, ficaria de péssimo humor — o que poderia significar espancamentos ou uma redução da já habitual parca refeição. Ele já devia estar aborrecido com o atraso nos cortes. Uma família de escavadores — criaturas semelhantes a castores com seis pernas — tinha se acomodado nas raízes das grandes árvores. Iriam roer as raízes macias e as árvores adoeceriam e morreriam. A madeira polposa e macia azedaria, depois ficaria aguada e, decorrido algum tempo, a árvore cederia a partir do interior. Fora colocado veneno em vários túneis dos escavadores, mas as árvores já tinham sofrido os danos.

Uma voz rouca, praguejando com vontade enquanto o seu proprietário chapinhava pelo pântano, anunciou a chegada do capataz, Nogamu. Ele também era um escravo, mas chegara ao patamar mais alto dentre eles e, embora não pudesse aspirar à liberdade, possuía muitos privilégios e podia mandar nos soldados e homens livres colocados às suas ordens. Era seguido por um jovem soldado de expressão ligeiramente divertida. Usava a barba raspada, como era costume entre os homens livres tsurani, e, ao olhar para Pug lá no alto, o escravo pôde dar uma boa espiada. Tinha as maçãs do rosto salientes e os olhos quase pretos, comuns a muitos tsurani. Seus olhos escuros repararam em Pug e ele pareceu fazer um curto aceno com a cabeça. A armadura azul que envergava era de um tipo que o escravo desconhecia, ainda que, dada a estranha organização militar dos tsurani, não fosse de se estranhar. Cada família, região, área, burgo, cidade e província parecia ter seu próprio exército. O modo como se relacionavam uns com os outros no seio do Império estava além do entendimento de Pug.

O capataz parou na base da árvore, segurando as vestes curtas acima da linha da água. Grunhiu como o urso que parecia e gritou para Pug:

— Que história é essa de outra árvore podre?

Pug falava o idioma tsurani melhor do que qualquer midkemiano no acampamento, pois era quem estava lá há mais tempo, tirando alguns velhos escravos tsurani. Gritou para baixo:

— Tem cheiro de podre. Devíamos desbastar outra e deixar esta em paz, feitor.

O capataz acenou com a mão.

— Vocês são todos preguiçosos. Esta árvore não tem nada de errado. Está boa. Não querem é trabalhar. Agora, corte-a!

Pug suspirou. Não havia como discutir com o Urso, como Nogamu era conhecido por todos os escravos de Midkemia. Era óbvio que estava aborrecido com alguma coisa e seriam os escravos a pagar por isso. Pug começou a dar golpes na parte superior, que logo caiu. O cheiro de podre era intenso e Pug retirou as cordas depressa. Ainda com o último pedaço amarrado na cintura, ouviu o som da madeira rachando.

— Vai cair! — gritou para os escravos que se encontravam na água abaixo. Sem hesitar, todos fugiram. Quando se ouvia a palavra “cair”, ninguém ignorava o aviso.

O tronco da árvore estava rachando ao meio, pois a parte de cima fora cortada. Embora não fosse um comportamento habitual, se uma árvore estivesse em estado avançado de degradação e a polpa tivesse perdido a força, qualquer falha na casca poderia fazê-la sucumbir ao próprio peso. Os galhos das árvores afastariam as metades. Se Pug ainda estivesse preso ao tronco, as cordas o cortariam ao meio antes de arrebentarem.

Pug calculou a direção da queda. Quando a metade em que estava começou a se deslocar, atirou-se dela. Caiu de costas na água rasa, na esperança de que o meio metro de profundidade suavizasse a queda tanto quanto possível. O baque na água foi imediatamente seguido pelo impacto mais violento contra o chão. O fundo era feito principalmente de lama, logo ele não sofreu grandes danos. Com o choque, o ar que tinha nos pulmões explodiu por sua boca, deixando-o tonto por um instante. Manteve presença de espírito suficiente para sentar e expirar fundo.

De repente, sentiu um peso golpear-lhe o estômago, deixando-o sem ar e empurrando a sua cabeça de novo para baixo da água. Debateu-se, tentando se mexer, e sentiu um galho enorme em cima do estômago. Mal conseguia manter o rosto à tona para respirar. Sentia os pulmões ardendo e respirava descontroladamente. A água entrou pela traqueia e começou a sufocá-lo. Tossindo e cuspiendo, tentou manter a calma, mas o pânico começava a apoderar-se dele. Desesperado, tentou empurrar o peso de cima dele, mas o galho não se mexeu.

Subitamente, sentiu a cabeça fora da água e ouviu Laurie dizer:

— Cuspa, Pug! Expulse essa porcaria ou vai pegar a febre dos pulmões.

Pug tossiu e cuspiu. Com Laurie segurando a sua cabeça, recuperou o fôlego aos poucos.

Laurie gritou:

— Agarrem o galho. Eu o puxo de lá de baixo.

Vários escravos chapinhavam ao redor, com os corpos suados. Pegaram o galho submerso com esforço e o levantaram um pouco, mas não o bastante para que Laurie arrastasse Pug dali.

— Tragam machados. Temos de cortar o galho.

Os outros escravos começaram a levar machados, mas Nogamu gritou:

— Não. Deixem aí. Não temos tempo para isso. Há mais árvores para cortar.

Laurie quase gritou:

— Não podemos deixá-lo aqui! Vai se afogar!

O capataz avançou e bateu em Laurie com o chicote. Fez um corte profundo na face do cantor, que não largou a cabeça do amigo.

— Volte ao trabalho, escravo. Hoje à noite você será espancado por falar comigo dessa maneira. Há outros que conseguem subir até lá em cima. Agora, deixe-o! — Voltou a bater em Laurie, que se encolheu mas manteve a cabeça de Pug acima da água.

Nogamu ergueu o chicote para o terceiro golpe, mas foi impedido por uma voz que veio de trás:

— Tirem o escravo de baixo do galho.

Laurie viu que quem tinha falado fora o jovem soldado que acompanhava o feitor. O capataz virou-se, desacostumado a ter suas ordens questionadas. Quando viu quem falara, reprimiu as palavras que estavam na ponta da língua. Assentindo com a cabeça, disse:

— Seja feita a sua vontade.

Fez sinal aos escravos com os machados para que libertassem Pug, que, pouco depois, encontrava-se a salvo. Laurie levou-o até o lugar onde estava o jovem soldado. Pug tossiu o que restava de água nos pulmões e disse, ofegante:

— Agradeço ao meu amo pela minha vida.

O homem nada disse, mas, quando o capataz se aproximou, dirigiu-lhe algumas observações:

— O escravo tinha razão e você não. A árvore estava podre. Não é certo castigá-lo por sua falta de discernimento e seu mau humor. Devia mandar espancá-lo, mas não vou perder tempo com isso. O trabalho avança devagar e o meu pai está descontente.

Nogamu abaixou a cabeça.

— Sinto-me humilhado com o que meu senhor pensa de mim. Tenho permissão para tirar a minha própria vida?

— Não. Seria honra demais. Volte ao trabalho.

O rosto do capataz enrubesceu de raiva e vergonha silenciosas. Erguendo o chicote, apontou para Laurie e Pug.

— Vocês dois, voltem ao trabalho.

Laurie levantou-se e Pug tentou. Tinha os joelhos pouco firmes, pois quase se afogara, mas conseguiu ficar de pé após várias tentativas.

— Estes dois estão dispensados pelo resto do dia — disse o jovem lorde. — Este aqui — apontou para Pug — não tem grande utilidade. O outro tem de tratar os cortes que você lhe fez ou irão infeccionar. — Virou-se para o guarda. — Leve-os de volta ao acampamento para que cuidem deles.

Pug sentiu-se grato, não tanto por ele, mas por Laurie. Com algum descanso, Pug poderia ter retomado o trabalho; no entanto, uma ferida aberta em um pântano significava, na maioria das vezes, uma sentença de morte. As infecções eram rápidas naquele lugar quente e sujo, e havia poucos tratamentos disponíveis.

Seguiram o guarda. Enquanto se afastavam, Pug percebeu que o feitor os fitava com ódio indisfarçado no olhar.

O assoalho rangeu e Pug acordou na mesma hora. A cautela nascida e desenvolvida pela escravidão advertiu-o de que aquele som não se encaixava no interior da cabana, no meio da noite.

Na penumbra, ouviu passos que se aproximavam, parando aos pés de seu catre. Ao seu lado, ouviu uma súbita inspiração e soube que o menestrel também estava acordado. Provavelmente, metade dos escravos tinha acordado com o intruso. O desconhecido pareceu hesitar e Pug esperou, tenso com a incerteza. Ouviu-se um grunhido e, sem esperar, Pug rolou para fora do catre. Escutou algo pesado batendo no chão, e o ruído surdo de uma adaga atingindo o lugar onde o seu peito estivera momentos antes. De repente, o alojamento explodiu em um frenesi. Os escravos gritavam e corriam para a porta.

Pug sentiu mãos agarrando-o na escuridão e logo uma dor aguda explodiu-lhe no peito. Tentou alcançar o agressor às cegas, brigando pela posse da lâmina. Outro golpe fez-lhe um corte na palma da mão direita. Subitamente, o atacante parou de se mexer e Pug percebeu que havia uma terceira pessoa em cima do pretense assassino.

Soldados entraram correndo na cabana, com lanternas nas mãos. Pug viu Laurie caído por cima do corpo imóvel de Nogamu. O Urso ainda respirava, mas, considerando a forma como a adaga saía de sua caixa torácica, não seria por muito tempo.

O jovem soldado que salvara as vidas de Pug e Laurie entrou e os outros abriram caminho para que passasse. Parou perto dos três combatentes e simplesmente perguntou:

— Está morto?

O capataz abriu os olhos e, em um sussurro fraco, conseguiu dizer:

— Estou vivo, senhor. Mas morro pela espada. — Um sorriso leve e desafiador apareceu no rosto suado.

A expressão do jovem soldado não revelou qualquer emoção, embora seus olhos parecessem em chamas.

— Não creio — disse calmamente. Virou-se para dois soldados: — Levem-no já para fora e enforcuem-no. Não haverá honra alguma para ser cantada pelo seu clã. Deixem o corpo para os insetos. Servirá como aviso para que não me desobedeçam. Vão.

O rosto do moribundo empalideceu e seus lábios tremeram:

— Não, meu amo. Eu imploro, deixe-me morrer pela espada. São só mais uns minutos. — Uma espuma avermelhada surgiu nos cantos da boca do homem.

Dois rudes soldados agarraram Nogamu e, sem se importarem com o seu sofrimento, arrastaram-no para fora. Ele gritou por todo o percurso. A força que permanecia na sua voz era surpreendente, como se o medo da força despertasse uma reserva profunda.

Ficaram parados como em um quadro até o som terminar em um grito sufocado. Nesse momento, o jovem oficial virou-se para Pug e Laurie. Pug estava sentado com sangue escorrendo do corte comprido e superficial no peito. Segurava a mão ferida com a outra. Este corte era fundo e os dedos não se mexiam.

— Traga o seu amigo ferido — ordenou o jovem soldado a Laurie.

Laurie ajudou Pug a se levantar e seguiram o oficial para fora da barraca dos escravos. Conduziu-os pelo complexo até o seu alojamento, ordenando que entrassem. Lá dentro, ordenou a um guarda que chamasse o médico do acampamento. Deixou-os de pé, em silêncio, até a chegada do médico. Era um tsurani idoso, vestido como um de seus deuses — qual deles, os midkemianos não conseguiam precisar. Examinou os ferimentos de Pug e considerou o golpe no peito superficial. Já a mão era outro assunto.

— O golpe foi fundo e os músculos e tendões foram cortados. Vai sarar, mas terá perda de movimentos e pouca força para agarrar. Provavelmente, servirá apenas para trabalhos leves.

O soldado acenou com a cabeça, uma expressão peculiar no rosto, mistura de descontentamento e impaciência.

— Muito bem. Cuide dos ferimentos e deixe-nos.

O médico começou limpando as feridas. Deu vinte pontos na mão, cobriu-a com bandagens, advertiu Pug de que as mantivesse limpas e saiu. Pug ignorou a dor, tranquilizando a cabeça com um antigo exercício mental.

Quando o médico saiu, o soldado estudou os dois escravos à sua frente.

— Pela Lei, deveria enforcá-los por terem assassinado o feitor.

Não responderam. Permaneceram calados até que lhes fosse ordenado que falassem.

— Contudo, como enforquei o feitor, posso mantê-los vivos se me for conveniente. Posso somente mandar puni-los por o terem ferido. — Fez uma pausa. — Considerem-se castigados.

Acenando com a mão, disse:

— Saiam, mas regressem ao amanhecer. Tenho de decidir o que fazer com vocês.

Eles saíram, sentindo-se com sorte, pois em outras circunstâncias teriam sido enforcados ao lado do antigo capataz. Enquanto cruzavam o complexo, Laurie disse:

— Não entendi o que acabou de acontecer.

— Estou machucado demais para pensar — Pug respondeu. — E fico grato por vermos outro dia nascer.

Laurie nada respondeu até chegarem à barraca.

— Acho que o jovem amo tem uma carta na manga.

— Tanto faz. Já desisti de entender os nossos senhores. Por isso consegui sobreviver tanto tempo, Laurie. Limite-me a fazer aquilo que me ordenam e aguento. — Pug indicou a árvore onde se via o corpo do antigo capataz ao luar pálido; somente a lua pequena surgira naquela noite. — É muito fácil acabarmos daquela forma.

Laurie concordou.

— Talvez você esteja certo. Ainda penso em fugir.

Pug riu, um som breve e amargo.

— Para onde, trovador? Para onde você fugiria? Para o portal onde o esperam dez mil tsurani?

Laurie não respondeu. Voltaram aos catres e tentaram dormir no calor úmido.

O jovem oficial estava sentado em um monte de almofadas, de pernas cruzadas, como era hábito dos tsurani. Mandou embora o guarda que tinha acompanhado Pug e Laurie e gesticulou para que os dois escravos se sentassem. Obedeceram de modo hesitante, pois normalmente um escravo não tinha permissão para se sentar na presença do amo.

— Sou Hokanu, dos Shinzawai. O meu pai é dono desta propriedade — disse, sem rodeios. — E ele está muito descontente com a colheita deste ano. Mandou-me para cá para ver o que poderia ser feito. Agora, não tenho um capataz para organizar o trabalho, pois o tolo colocou a culpa da própria imbecilidade em você. O que devo fazer?

Os dois escravos não responderam. E ele perguntou:

— Há quanto tempo estão aqui?

Pug e Laurie responderam, um de cada vez. O senhor considerou as respostas e disse:

— Você — apontou para Laurie — não tem nada fora do comum, além de falar o nosso idioma melhor do que a maior parte dos bárbaros, se pensarmos todos os fatores. Já você — apontou para Pug — ficou vivo por mais tempo do que qualquer um dos seus compatriotas arrogantes e também fala o nosso idioma com perfeição. Talvez até passasse por um camponês de uma província remota.

Ambos ficaram imóveis, inseguros sobre as intenções de Hokanu. Pug ficou chocado ao perceber que talvez fosse um ano ou dois mais velho do que o seu jovem senhor. Ele era muito novo para tanto poder. Os costumes dos tsurani eram muito estranhos. Em Crydee, ainda seria aprendiz ou, caso pertencesse à nobreza, estaria ainda aprendendo a arte de governar.

— Como aprendeu a falar nosso idioma tão bem? — perguntou a Pug.

— Amo, eu estava entre os primeiros a serem capturados e trazidos para cá. Éramos apenas sete entre tantos escravos tsurani. Aprendemos a sobreviver. Os outros morreram de febre ardente ou com feridas infeccionadas, ou foram mortos pelos guardas. Não havia ninguém que falasse a minha língua com quem conversar. Demorou mais de um ano até outro compatriota meu chegar a este acampamento.

O oficial acenou com a cabeça e perguntou a Laurie:

— E você?

— Amo, sou cantor, um menestrel na minha terra. Temos por hábito

viajar muito e precisamos aprender muitos idiomas. Também tenho bom ouvido para a música. O seu idioma é o que designamos por língua tonal no meu mundo; palavras com o mesmo som, mas que, quando são pronunciadas com entonações diferente, mudam de significado. Existem vários idiomas desse gênero no sul do nosso Reino. Aprendo depressa.

Um brilho tênue surgiu nos olhos do soldado.

— É bom saber disso. — Perdeu-se em pensamentos. Pouco depois, abanou a cabeça para si mesmo. — São muitas as considerações que forjam o destino de um homem, escravos. — Sorriu, fazendo lembrar mais um garoto do que um homem. — Este acampamento está caótico. Eu devo mandar um relatório para o meu pai, o Lorde dos Shinzawai. E acho que já sei quais são os problemas. — Apontou para Pug. — Gostaria de ouvir o que pensa sobre o assunto. Está aqui há mais tempo do que qualquer outra pessoa.

Pug se recompôs. Passara muito tempo desde que alguém solicitara sua opinião sobre o que quer que fosse.

— Meu amo, o primeiro capataz, aquele que estava aqui quando fui capturado, era um homem sagaz, que compreendia que os homens, ainda que escravos, não podem ser obrigados a trabalhar bem se estiverem debilitados pela fome. A comida era melhor e, se nos feríssemos, tínhamos tempo para melhorar. Nogamu era um homem mal-humorado que tomava cada revés como uma afronta pessoal. Quando os escavadores arruinavam um grupo de árvores, a culpa era dos escravos. Se um escravo morresse, era um complô para desacreditar o trabalho dele. Cada dificuldade era recompensada com mais um corte na comida ou mais horas de trabalho. Os sucessos eram vistos como obra exclusiva dele.

— É como eu desconfiava. Nogamu já foi um homem muito importante. Era o hadonra, o administrador das propriedades de seu pai. A sua família foi considerada culpada de conspirar contra o Império e aqueles que não foram enforcados foram vendidos como escravos por seu próprio clã. Nunca foi um bom escravo. Acharmos que a responsabilidade pelo acampamento seria uma forma útil de usar os seus conhecimentos. Está provado que não foi o caso. Há algum homem entre os escravos que possa comandá-los de forma competente?

Laurie inclinou a cabeça, dizendo em seguida:

— Amo, o Pug...

— Acho que não. Tenho planos para vocês dois.

Pug ficou surpreso, pensando no significado daquelas palavras.

— Talvez Chogana, amo — disse. — Era fazendeiro, até perder as co-

lheitas e ser vendido como escravo por causa dos impostos. Ele é um homem sensato.

O soldado bateu palmas uma única vez e logo entrou um guarda.

— Mande trazer o escravo chamado Chogana.

O guarda bateu continência e saiu.

— É vantajoso, já que se trata de um tsurani — disse o soldado. — Os bárbaros como vocês não sabem qual é o seu lugar e não me agrada pensar no que poderia acontecer se um de vocês ficasse com o cargo. Mandaria os meus soldados cortarem as árvores, enquanto os escravos ficavam de guarda.

Depois de um momento de silêncio, Laurie começou a rir. Era um som esplêndido e profundo. Hokanu sorriu. Pug observava atentamente. O jovem que tinha as suas vidas nas mãos parecia estar se esforçando para ganhar a confiança dos dois. Laurie demonstrava ter simpatizado com ele, mas Pug manteve seus sentimentos em suspenso. Estava afastado há mais tempo da antiga sociedade midkemiana, em que a guerra tornava nobres e plebeus irmãos de armas, capazes de partilhar refeições e desgraças sem se preocuparem com hierarquias. Algo que aprendera logo sobre os tsurani fora que eles jamais esqueciam o seu lugar. O que quer que estivesse acontecendo ali fora pensado pelo jovem nobre, não era fruto do acaso. Hokanu pareceu ter sentido o olhar de Pug e encarou-o. Os seus olhares cruzaram-se por um segundo antes de Pug baixar o seu, como seria de se esperar de um escravo. Por um instante, eles se comunicaram. Era como se o soldado tivesse dito: “Não acredita em minha amizade. Tudo bem, desde que desempenhe o seu papel.”

Com um aceno de mão, Hokanu disse:

— Voltem à barraca. Descansem bem, pois partiremos após a refeição do meio-dia.

Levantaram-se e fizeram uma mesura, recuando até sair. Pug caminhava calado, mas Laurie disse:

— Para onde será que vamos? — Não obtendo resposta, prosseguiu: — Seja como for, certamente será um lugar melhor do que este.

Pug se perguntou se realmente seria melhor.

Uma mão sacudiu o ombro de Pug, que acordou. Tinha cochilado no calor da manhã, aproveitando o descanso adicional antes de partir com Laurie e o jovem nobre depois da refeição do meio-dia. Chogana, o antigo fazendeiro que Pug recomendara, gesticulou para que não fizesse barulho, indicando Laurie, que dormia profundamente.

Pug seguiu o velho escravo para fora da cabana e os dois sentaram-se na sombra da casa. Falando devagar, como era seu hábito, Chogana disse:

— O meu senhor Hokanu disse que você foi decisivo na minha escolha como feitor do acampamento. — O seu rosto moreno e enrugado respaldava dignidade ao fazer uma mesura com a cabeça para Pug. — Estou em dívida com você.

Pug devolveu o cumprimento, formal e pouco comum naquele acampamento.

— Não existe nenhuma dívida. Você irá se comportar da forma que um capataz deve fazer. Irá cuidar bem dos nossos irmãos.

O velho rosto de Chogana abriu-se em um grande sorriso, revelando dentes manchados de marrom devido aos anos mascando nozes de tateen. A noz levemente narcótica — fácil de encontrar no pântano — não reduzia a eficiência, mas fazia o trabalho pesar menos. Pug evitara o hábito, por razões que ele não revelava, tal como grande parte dos midkemianos. De certa forma, era como a derrota da força de vontade.

Chogana olhava para o acampamento, os olhos semicerrados por causa da luz forte. Estava vazio, à exceção da guarda pessoal do jovem senhor e da equipe do cozinheiro. A distância, os ruídos do grupo de trabalhadores ecoavam pelas árvores.

— Quando era rapaz, na fazenda de meu pai em Szetac — começou Chogana — descobriram que eu tinha talento. Fui avaliado e considerado incapaz. — Pug não entendeu o significado da última frase, mas não interrompeu. — Por isso, tornei-me agricultor, tal como o meu pai. No entanto, o meu talento estava lá. Por vezes, vejo coisas, Pug, coisas dentro dos homens. Quando cresci, a notícia sobre meu talento se espalhou e as pessoas, especialmente os pobres, vinham me pedir conselhos. Naquela época, era jovem e arrogante, e cobrava muito para dizer o que via. Mais tarde, tornei-me humilde e aceitava o que me ofereciam, mas continuava a dizer o que via. De qualquer forma, as pessoas partiam zangadas. Sabe por quê? — perguntou dando uma risadinha. Pug sacudiu cabeça. — Porque as pessoas não iam ouvir a verdade, iam ouvir aquilo que queriam ouvir.

Pug partilhou a gargalhada de Chogana.

— Por isso, fingi que o talento desaparecera e, passado algum tempo, as pessoas deixaram de ir à minha fazenda. Contudo, o talento nunca sumiu, Pug, e, às vezes, ainda consigo ver coisas. Vi algo em você e queria lhe contar antes que vá embora para sempre. Morrerei neste acampamento, mas um destino diferente o espera. Você ouvirá o que tenho para lhe dizer? — Pug

assentiu e o outro prosseguiu: — Existe um poder preso dentro de você. O que é e do que se trata, não sei.

Ciente das estranhas atitudes dos tsurani em relação aos magos, Pug sentiu um pânico repentino com a possibilidade de alguém ter detectado a sua antiga vocação. Para a maioria, ele não passava de mais um escravo no acampamento; poucos sabiam que fora escudeiro.

Chogana continuou, falando de olhos fechados:

— Sonhei com você, Pug. Eu o vi no alto de uma torre, enfrentando um terrível inimigo. — Abriu os olhos. — Não sei qual o significado do sonho, mas você precisa saber disso. Antes de subir naquela torre e enfrentar o seu adversário, você precisa encontrar o seu *wal*: o centro secreto do seu ser, o lugar perfeito da paz interior. Assim que você o encontrar, estará a salvo de todo mal. A sua carne poderá sofrer, até mesmo morrer, mas, no interior do seu *wal*, você resistirá em paz. Procure bem, Pug, pois poucos são os que encontram o *wal*.

Pug agradeceu e o novo feitor se levantou.

— Você partirá em breve. Vamos, temos de acordar Laurie.

Quando entravam na cabana, Pug perguntou:

— Só mais uma coisa: você falou de um inimigo no alto de uma torre. Você o viu bem?

Chogana riu e fez que sim com a cabeça.

— Oh, sim, eu o vi. — Continuou a rir enquanto subia os degraus até a barraca. — É o adversário que a maioria dos homens mais teme. — Olhos semicerrados encararam Pug. — O inimigo era você.

Pug e Laurie estavam sentados nos degraus do templo, com seis guardas tsurani descansando em volta deles. Ao longo da viagem, os guardas tinham sido quase cortesias. A jornada fora cansativa, se não difícil. Sem cavalos nem nada que os substituísse, todos os tsurani que não seguiam em uma carroça de needra deslocavam-se andando por seus próprios pés ou pelos de outros. Os nobres eram transportados para cima e para baixo nas largas avenidas em liteiras carregadas por escravos ofegantes e suados.

Pug e Laurie tinham recebido os trajes curtos e cinzentos dos escravos. As tangas, adequadas para os pântanos, foram consideradas indecentes para uma viagem entre cidadãos tsurani. Pug concluiu que os tsurani davam grande importância ao recato — quase tanto quando as pessoas do Reino. Tinham seguido a estrada ao longo da costa da grande massa de água denominada Baía da Batalha. Pug pensara que, se fosse mesmo uma baía, seria

maior do que qualquer uma em Midkemia, pois mesmo dos altos penhascos que se erguiam acima do mar não conseguia ver o outro lado. Após vários dias de viagem, encontraram terras cultivadas e logo avistaram a costa oposta aproximando-se rapidamente. Mais uns dias na estrada e alcançaram a cidade de Jamar.

Pug e Laurie observavam o movimento, enquanto Hokanu realizava uma oferenda no templo. Os tsurani pareciam loucos por cores. Ali, até o trabalhador mais humilde provavelmente estaria vestido com uma túnica curta de cores vivas. Os abastados vestiam trajes mais vistosos, cobertos de padrões complexos. Somente os escravos não usavam roupas coloridas.

Por toda a cidade, amontoavam-se pessoas: agricultores, mercadores, trabalhadores e viajantes. Filas de needra arrastavam-se pelas ruas, puxando carroças cheias de produtos agrícolas e mercadorias. A quantidade de pessoas impressionava Pug e Laurie, pois os tsurani lembravam formigas correndo, mesmo no calor fora do comum, como se o comércio do Império não pudesse esperar pelo bem-estar dos seus cidadãos. Muitos dos que passavam paravam para observar os midkemianos, que consideravam bárbaros gigantes. Aquele povo atingia no máximo um metro e sessenta e até Pug era considerado alto, tendo chegado a um metro e setenta. Por sua vez, os midkemianos tinham começado a se referir aos tsurani como pigmeus.

Pug e Laurie olhavam ao redor. Esperavam no centro da cidade, onde estavam localizados os grandes templos. Dez pirâmides de tamanhos diferentes, mas igualmente enfeitadas, ficavam no meio de uma série de parques. Todas estavam ricamente decoradas com murais pintados e azulejos. De onde estavam, os jovens viam três dos parques. Dispostos em terraços, eram percorridos por pequenos cursos d'água, inclusive com pequenas cachoeiras. Árvores anãs, bem como grandes árvores que davam sombra, salpicavam o chão dos parques, cobertos de relva. Músicos ambulantes tocavam flautas e estranhos instrumentos de cordas, produzindo música esquisita e polifônica, entreterendo as pessoas que repousavam nos jardins ou que passavam.

Laurie escutava extasiado.

— Escute os semitons! E os menores, diminutos! — Suspirou e baixou os olhos, com um ar melancólico. — É estranho, mas é música. — Olhou para Pug, sem o humor habitual. — Se ao menos eu pudesse voltar a tocar. — Olhou de relance para os músicos distantes. — Podia até começar a gostar da música tsurani. — Pug deixou-o com os seus desejos.

Olhou ao redor da movimentada praça, tentando organizar todas as

impressões que recebera desde a entrada na cidade. Por todos os lados, as pessoas corriam tratando de seus afazeres. Perto do templo, tinham passado em um mercado, não muito diferente dos existentes no Reino, mas em maior escala. Os sons dos vendedores ambulantes e dos compradores, os odores, o calor, tudo aquilo lembrava a sua terra, de um modo inesperado.

Quando a escolta de Hokanu se aproximava, os plebeus abriam caminho, os guardas na dianteira da procissão gritando “Shinzawai! Shinzawai!”, informando a todos que se aproximava um membro da nobreza. Somente em uma ocasião a escolta deu passagem na cidade para um grupo de homens de vermelho, vestindo mantos de penas escarlates. Aquele que Pug pensou ser um sumo sacerdote usava uma máscara de madeira desenhada para parecer com uma caveira vermelha, enquanto os demais tinham os rostos pintados de vermelho. Tocavam apitos vermelhos e as pessoas se dispersavam para deixarem o caminho livre. Um dos soldados fez o sinal de proteção e, mais tarde, Pug soube que aqueles homens eram sacerdotes de Turakamu, o devorador de corações, irmão da deusa Sibi, a morte.

Pug virou-se para um guarda que estava perto dele e fez um gesto pedindo permissão para falar. O guarda acenou a cabeça e Pug perguntou:

— Meu senhor, que deus mora aqui? — E indicou o templo onde Hokanu rezava.

— Bárbaro ignorante — respondeu o soldado de modo amigável —, os deuses não residem dentro destas paredes, mas nos Céus Superiores e Inferiores. Este templo existe para que os homens façam as suas devoções. Ali, o filho do meu senhor faz oferendas a Chochocan, o bom deus do Céu Superior, e ao seu servo, Tomachaca, o deus da paz, pedindo boa fortuna para os Shinzawai.

Quando Hokanu regressou, retomaram a caminhada. Atravessaram a cidade e Pug continuou a estudar as pessoas pelas quais passavam. A multidão era enorme e Pug perguntou-se como conseguiriam suportar. Como lavradores que visitam a cidade pela primeira vez, Pug e Laurie abriam a boca de espanto perante as maravilhas de Jamar. Até o trovador supostamente viajado exclamava diante desta ou daquela visão. Não demorou para os guardas começarem a rir com o maravilhamento dos bárbaros com as situações mais banais.

Todos os edifícios pelos quais passavam eram feitos de madeira e de um material translúcido, parecido com tecido, mas rígido. Alguns, como os templos, eram feitos de pedra, embora o que mais sobressaísse fosse o fato de que todos os prédios pelos quais passavam, de templos a modestas casas de tra-

balhadores, estarem pintados de branco, excetuando as vigas confinantes e os caixilhos das portas, polidos em marrom-escuro. Todas as superfícies abertas estavam decoradas com pinturas coloridas. Eram abundantes as cenas com animais, paisagens, divindades e cenas de batalhas. Havia, por todo lado, uma profusão de cores que confundia a visão.

Ao norte dos templos, do outro lado de um dos parques e de frente para uma avenida ampla, havia um edifício isolado por vastos gramados limitados por sebes. Dois guardas, com armaduras e elmos parecidos com os dos guardas que os acompanhavam, estavam de sentinela frente à porta. Bateram continência a Hokanu quando este se aproximou.

Sem dizerem uma única palavra, os outros guardas contornaram a casa, deixando os escravos com o jovem oficial. Este gesticulou e um dos guardas da entrada fez deslizar a enorme porta coberta com tecido. Entraram em um pátio aberto que levava aos fundos, com portas de cada lado. Hokanu conduziu-os até uma porta, que um escravo da casa abriu.

Pug e Laurie descobriram que a casa tinha a forma de um quadrado, com um grande jardim ao centro, acessível por todos os lados. Junto a um lago borbulhante estava sentado um homem mais velho, vestido com uma túnica azul-escura, simples, porém de aspecto caro. Consultava um pergaminho e levantou a cabeça quando os três entraram, ficando de pé para cumprimentar Hokanu.

O jovem tirou o elmo e ficou em posição de sentido. Pug e Laurie ficaram atrás, calados. O homem fez um aceno com a cabeça e Hokanu aproximou-se. Abraçaram-se e o homem mais velho disse:

— Meu filho, é bom voltar a vê-lo. Como estava o acampamento?

Hokanu relatou o que vira no acampamento de forma sucinta e direta, não esquecendo nada de importante. Depois, relatou as ações tomadas para remediar a situação.

— Assim sendo, o novo capataz irá assegurar-se de que os escravos tenham comida suficiente e de que descansem o tempo necessário. Em breve, a produção deverá subir.

O pai assentiu.

— Acho que você agiu de forma sensata, filho. Teremos de enviar alguém dentro de alguns meses para verificar se houve progresso, mas a situação não podia ficar pior do que estava. O Senhor da Guerra exige mais produção e estamos prestes a cair em desgraça.

Pareceu, então, notar os escravos pela primeira vez.

— E eles? — foi tudo o que disse, apontando para Laurie e Pug.

— Eles são diferentes. Lembrei-me da nossa conversa na noite antes de meu irmão partir para o norte. Talvez venham a se revelar valiosos.

— Você falou disso com mais alguém? — Rugas firmes acentuaram-se ao redor dos olhos cinzentos. Embora muito mais baixo, fazia Pug se lembrar de Lorde Borric.

— Não, meu pai. Somente aqueles que fizeram parte do conselho naquela noite...

O senhor da casa interrompeu-o com um aceno de mão.

— Guarde os comentários para mais tarde. “Não confie segredos a uma cidade.” Informe Septiem. Vamos fechar a casa; partimos de manhã para as nossas terras.

Hokanu fez uma ligeira mesura, virando-se depois para sair.

— Hokanu. — A voz do pai o deteve. — Bom trabalho. — Com o orgulho refletido no rosto, o jovem deixou o jardim.

O senhor da casa voltou a sentar-se em um banco de pedra esculpida junto à pequena fonte e contemplou os dois escravos.

— Como se chamam?

— Pug, meu amo.

— Laurie, meu amo.

Ele pareceu deduzir algo daquelas simples afirmações.

— Por aquela porta — disse, gesticulando para a esquerda — vocês chegam à cozinha. O meu hadonra chama-se Septiem. Tratará dos dois. Agora, vão.

Fizeram uma mesura e saíram do jardim. Enquanto avançavam pela casa, Pug quase derrubou uma garota ao virar uma esquina. Estava vestida como uma escrava e carregava uma grande trouxa de roupa, que voou pelo corredor.

— Oh! — gritou ela. — Acabei de lavar a roupa. Vou ter de lavá-la de novo. — Sem hesitar, Pug abaixou-se para ajudá-la a pegar a roupa. Para uma tsurani, era alta, quase do tamanho de Pug, e bem proporcionada. Tinha o cabelo castanho preso atrás e os olhos também castanhos estavam enquadrados por longos cílios escuros. Pug parou o que estava fazendo e contemplou-a com evidente admiração. Ela hesitou diante do olhar curioso do rapaz e, depois de pegar o restante da roupa, partiu apressada. Laurie contemplou a elegante figura da garota se afastando, as pernas bronzeadas generosamente à mostra abaixo da curta túnica de escrava.

Laurie deu uma palmada no ombro de Pug.

— Ah! Bem que eu disse que as coisas iam melhorar.

Saíram da casa e chegaram à cozinha, onde o cheiro de comida quente abriu seu apetite.

— Acho que você impressionou aquela moça, Pug.

Pug não tinha grande experiência com mulheres e sentiu as orelhas arderem. No acampamento de escravos, muitas das conversas eram sobre elas, e isso, mais do que qualquer outra coisa, fazia com que se sentisse ainda um garoto. Virou-se para ver se Laurie estava brincando e reparou que o cantor louro olhava para trás. Seguiu o seu olhar e ainda conseguiu ver de relance um tímido rosto sorridente se afastando de uma janela da casa.

No dia seguinte, a casa da família Shinzawai estava em alvoroço. Escravos e serviçais corriam de um lado para outro, preparando a viagem para o norte. Pug e Laurie foram deixados por conta própria, pois não havia ninguém do pessoal da casa disponível para lhes atribuir alguma tarefa. Sentaram-se à sombra de uma enorme árvore que lembrava um salgueiro. Apreciando a novidade de ter um tempo livre, observavam a confusão.

— Eles são doidos, Pug. Já vi preparativos mais modestos para caravanas. Até parece que querem levar tudo.

— É provável que queiram. Essa gente já deixou de me surpreender. — Pug levantou-se, encostando-se ao tronco. — Já vi coisas que desafiavam a lógica.

— É verdade. No entanto, quando já se viu tantas terras diferentes como eu vi, aprendemos que quanto mais diferentes as coisas são, mais elas se parecem.

— Como assim?

Laurie levantou-se e apoiou-se no lado oposto da árvore. Em voz baixa, disse:

— Não tenho certeza, mas estão preparando algo e nós estamos envolvidos, isso eu garanto. Se ficarmos atentos, talvez possamos aproveitar isso. Lembre-se sempre de que, se um homem quiser algo de você, é sempre possível negociar, independentemente da diferença social.

— Claro. Dê o que ele quer e ele deixará você vivo.

— Você é jovem demais para ser tão cínico — retrucou Laurie, a satisfação brilhando em seus olhos. — Vamos combinar uma coisa: você deixa essa atitude cansada para velhos viajantes como eu e vou me certificar de que você não desperdice nenhuma oportunidade.

Pug resfolegou.

— Qual oportunidade?

— Bom, por exemplo — disse Laurie, apontando para trás de Pug —, aquela garota que você quase derrubou ontem parece estar com dificuldades para levantar aquelas caixas. — Pug olhou de relance para trás e viu a jovem sofrendo para empilhar várias caixas enormes que iriam depois ser colocadas nas carroças. — Acho que ela iria gostar de uma ajuda, não acha?

A confusão de Pug estava estampada em seu rosto.

— O que...?

Laurie deu-lhe um empurrão.

— Vá lá, seu palerma. Uma ajudinha agora e mais tarde... quem sabe?

Pug cambaleou.

— Mais tarde?

— Deuses! — riu-se Laurie, dando um pontapé de brincadeira no traseiro de Pug.

O bom humor do trovador era contagiante e Pug sorria quando se aproximou da moça. Ela tentava colocar uma enorme caixa de madeira em cima de outra. Pug pegou-a de suas mãos.

— Deixe. Eu faço isso.

Ela recuou, hesitante.

— Não é pesado. Só é muito alto para mim. — Olhava para todos os lados, menos para Pug.

Pug ergueu a caixa facilmente e colocou-a em cima das outras, evitando usar a mão fragilizada.

— Pronto — afirmou, tentando parecer descontraído.

A garota afastou uma mecha de cabelo rebelde que lhe caía nos olhos.

— Você é um bárbaro, não é? — falou de modo hesitante.

Pug retraiu-se.

— São vocês que me chamam assim. Eu gosto de pensar que sou tão civilizado como qualquer outro.

Ela corou.

— Não queria ofendê-lo. Também chamam meu povo de bárbaro. Todos os que não são tsurani são chamados dessa forma. Eu queria dizer que você é daquele outro mundo.

Pug confirmou.

— Como você se chama?

— Katala — respondeu ela, perguntando em seguida: — E você?

— Pug.

Ela sorriu.

— É um nome estranho. Pug. — Parecia apreciar o som da palavra.

Nesse instante, Septiem, o hadonra, um homem idoso mas bem apurado, com o porte de um general aposentado, surgiu do lado da casa.

— Vocês dois! — disse bruscamente. — Há trabalho a fazer! Não fiquem aí parados!

Katala correu de volta para a casa e Pug ficou indeciso na frente do administrador, vestido de amarelo.

— Você! Como se chama?

— Pug, senhor.

— Estou vendo que não deram trabalho para você nem para seu amigo louro. Vou resolver isso agora. Chame-o aqui.

Pug suspirou. Acabara-se o tempo livre. Acenou para que Laurie se aproximasse e foram postos a carregar as carroças.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br